



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

QUE FAZER?

○ País continua a viver no calor da luta que desde Abril tem levantado centenas de milhares de portugueses contra o terror salazarista em grandes manifestações e movimentos reivindicativos.

Neste momento milhões de portugueses perguntam: Como derrubar este poder feroz que recorre a todos os crimes para continuar a explorar e oprimir? Quais as tarefas que temos de levar por diante para chegar ao levantamento nacional?

Das pequenas às grandes lutas

Para passar a uma nova etapa de luta é preciso que seja posta de parte a ideia de que depois das últimas manifestações já só há lugar para a luta armada e que todas as outras formas de luta estão esgotadas.

Pelo contrário, o que se impõe neste momento para conduzirmos à frente o movimento anti-fascista nacional é multiplicar e tornar mais amplas e decididas todas as lutas parciais, de modo a que por todo o país se desencadeie uma verdadeira campanha de lutas populares contra a guerra de Angola, por melhores salários, pela Amnistia, contra as bases estrangeiras, etc.

Foi na sucessão diária destas lutas parciais que se treinaram os combatentes das últimas manifestações; é na experiência de novas lutas deste tipo que se formarão outros milhares de combatentes e se criará o ambiente para acções superiores e decisivas. Pretender passar desde já à luta armada guiados apenas pela nossa impaciência seria arrastarmos o movimento democrático português para grandes reveses.

Organizar para lutar

Porque razão não é possível passar agora à luta armada?

Porque ainda não dispomos de uma forte organização patriótica à escala nacional. Porque precisamos de muitos mais combatentes treinados e com hábitos de organização. Porque não podemos improvisar de repente os milhares de Juntas Patrióticas que em todo o País asseguram o triunfo do levantamento nacional. Porque o nosso Partido não dispõe ainda da organização necessária para uma tal tarefa.

Organizar é pois outra das grandes tarefas do momento. Por toda a parte e vencendo a repressão é preciso que surjam as comissões de unidade e as Juntas Patrióticas. Em toda a parte devem existir e actuar os comités do Partido. Só organizado poderá o nosso povo desenvolver todo o seu imenso poder, revolucionário.

Fortalecer a Unidade

Por outro lado, se é na acção e na organização das massas que a unidade se cria, é também indispensável que se fortaleça a unidade das forças democráticas e em particular do seu organismo mais representativo — a Junta Patriótica. No momento em que se esboçam manobras para salvar o salazarismo enganando o povo com possíveis mudanças de fachada, a acção decidida dum Junta Patriótica forte e prestigiada pode ter um papel decisivo para anular tais manobras e conduzir o povo à vitória.

Fortalecer a unidade das correntes democráticas é portanto outra das grandes tarefas que se nos colocam.

Conquistar o apoio das Forças Armadas

Mas estas três condições não são ainda suficientes para o triunfo da insurreição armada, do levantamento nacional. É preciso também que dentro das Forças Armadas penetre muito mais a influência democrática, de modo a que uma parte se ponha ao lado do povo e uma outra parte se recuse a combatê-lo. Se fôssemos para o combate decisivo sem assegurar esta condição, caminharíamos para uma derrota certa.

Há pois um profundo trabalho a fazer no Exército, na Marinha e na Aviação e ainda dentro das próprias forças repressivas, da GNR, PSP e Guarda Fiscal. Com cuidado mas com audácia devemos ir formar uma forte rede de Juntas Patrióticas.

Cumprir estas grandes tarefas é o dever de todos os anti-fascistas. Trabalhem com entusiasmo e firmeza pela sua realização rápida e a vitória não tardará!

AVANTE PARA NOVAS LUTAS! AVANTE PARA UMA PODEROSA ORGANIZAÇÃO!

28 DE MAIO — dia de protesto contra Salazar

Pela primeira vez sob a ditadura salazarista, o 28 de Maio tomou este ano a amplitude duma grande jornada nacional de protesto. Apesar do País ter sido posto em estado de sítio, por toda a parte houve variadas manifestações de luto e de protesto.

Em Lisboa e no Porto, onde foram feitas dezenas de prisões nas vésperas do 28 de Maio, todos os pontos centrais foram ocupados por grandes forças de polícia fortemente armada para impedir a concentração dos milhares de pessoas que vieram para a rua. O sentimento de indignação popular obrigou os fascistas a anular os habituais festejos e o dia decorreu num ambiente de tensão.

Em Setúbal, correspondendo ao apelo da Junta Patriótica, muitas centenas de trabalhadores, pescadores, conserveiros, operários da construção civil e muitos jovens, con-

centraram-se no jardim do Bonfim gritando «não queremos Salazar no poder! Fora a tirania!» e avançaram para a Avenida Luísa Todi, voltando alguns automóveis de conhecidos fascistas e apedrejando a força da GNR que tentou impedir-lhes o caminho a tiro. Travou-se luta nas ruas centrais, ficando muitas montas estilhaçadas. Houve muitos manifestantes feridos e a PIDE fez dezenas de prisões.

Em Almada, cerca de 300 pessoas concentraram-se aos gritos de «Abaixo o fascismo, abaixo os tiranos!», e dando vivas à liberdade. A GNR carregou e fez fogo para dis-

Grandiosa luta do operariado agrícola

As 8 horas de trabalho são conquistadas no Alentejo!

Em várias terras, particularmente no Alentejo Litoral, já muitas vezes se tem lutado pelas 8 horas de trabalho e se tem conseguido algumas vitórias. Tais lutas são de protesto organizado contra as exaustantes jornadas de trabalho de sol a sol, a que são obrigados os que vendem a força do seu trabalho no campo por um preço de miséria. As grandes lutas do nosso povo e, em especial, a preparação da comemoração do 1.º de Maio (jornada internacional intimamente ligada à conquista das 8 horas de trabalho) elevaram a unidade, a organização e a combatividade também do operariado agrícola.

No Alentejo Litoral

No Alentejo Litoral cerca de 50 mil trabalhadores (entre os quais 35 mil operários agrícolas) fizeram greve no 1.º de Maio. Muitas manifestações e agitações se fizeram por todo o lado.

No dia 2 de Maio a massa dos operários agrícolas de toda a região, unidos pela sua vontade de conquistar melhor horário e melhor jorna, unidos e organizados pelas reuniões que foram realizadas e pela constituição de muitas comissões, não compareceram ao trabalho ao nascer do Sol.

Só pouco antes das 8 horas começaram a chegar. Um novo horário, estava sendo conquistado com a unidade, a organização e a firmeza combativa dos explorados do campo.

Nas grandes herdades (Palma, Comporta, Barrozinha, etc.) bem as sinetas tocavam segundo o horário de sempre. Só às 12 horas os trabalhadores despegaram voltando de novo ao trabalho às 13, e quando chegaram as 17 horas os trabalhadores fizeram terminar a jornada desse dia.

Assim sucedeu por todo o concelho de Alcácer do Sal, em todo o concelho de Grândola e nos concelhos de Santiago, Sines e até Odemira.

Os ranchos do Algarve e das Beiras, que tinham sido contratados pelas grandes empresas, uniram-se aos trabalhadores da região e todos em conjunto não só conquistaram o horário das 8 horas, mas também um aumento das jornas de 6 a 8\$00 atingindo, nos trabalhos do arroz, 28 a 30\$00 para os homens e 22 a 25\$00 para as mulheres.

Esta importante acção dos operários agrícolas não podia deixar de sofrer a repressão feroz ao serviço dos grandes agrários e do governo fascista.

Prisões foram feitas em Grândola, Ermidas, Cercal, Torrão, etc. Na grande herdade de Palma (da família Posser de Andrade) a repressão atingiu muita violência. Chamados pelo patrão Francisco Posser, chegaram muitos agentes e guardas da GNR. Apontados pelos patrões, vários trabalhadores foram chamados ao posto da GNR. Logo que entraram, sem qualquer pergunta, eram barbaramente espancados com pontapés e socos que atingiam todas as partes do corpo, levados a bater com a cabeça nas paredes, ficando a escorrer sangue e quase sem poder falar. Depois foram presos 28 trabalhadores, dos quais duas mulheres. Dois não puderam seguir para a prisão em virtude dos maus tratos: Marcelino Bento e Jacinto Veríssimo. Dos trabalhadores presos um, Francisco Monteiro, conta 68 anos e outros, Manuel Dionísio, perto de 60 anos(!)

Ao meterem os presos nos carros celulares houve grandes protestos do povo e as mulheres chegaram a deitar-se à frente dos carros. Entretanto o patrão, receoso do justo ódio dos trabalhadores, fugia com a família para Cascais.

Igualmente o agrário Ramada Curto expulsou os ranchos porque exigiam as 8 horas. Muitos deles, porém, através da sua luta, obrigaram o agrário a garantir-lhes as 8 horas e 28\$00, para os homens e 25\$00 para as mulheres.

No Alto Alentejo

A luta por melhor jorna e melhor horário atingiu depois todo o Alto Alentejo.

Logo no dia 7 de Maio, ao concentrarem-se na Praça de jornas, os trabalhadores do Escoural decidiram não cortar um pé de trigo sem as 8 horas e melhores jorna. Procuraram os ranchos que trabalhavam nas carroças e todos se

(continua na 2.ª pág.)

A entrevista de A. Cunhal

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a importante entrevista concedida pelo camarada Álvaro Cunhal a um correspondente da Rádio Portugal Livre. Nessa entrevista, que «O Militante» publica na íntegra, o secretário geral do nosso Partido responde com grande clareza e profundidade às questões mais prementes que se colocam para o avanço do movimento anti-fascista nacional.

GREVES, LUTAS E MANIFESTAÇÕES

A greve dos estudantes

A greve dos estudantes continua! Pela sua firmeza e combetividade, pela unidade que tem forjado entre os estudantes, pelo esclarecimento político que está dando diariamente a milhares de jovens, pelo exemplo que representa para todo o povo, a greve dos estudantes é já hoje uma grande vitória do movimento democrático português.

No dia 31 de Maio de novo se reuniu um plenário na Cidade Universitária: cerca de mil estudantes reclamaram a libertação dum dirigente académico, o estudante de Medicina Eirio Figueiredo, que dias antes fora agridido e preso pela PIDE em plena rua.

Por unanimidade foi resolvido ir entregar ao ministério de Educação uma petição para a libertação do colega.

Em marcha silenciosa, os estudantes dirigiram-se para o Campo de Santana, interrompendo o trânsito à sua passagem. A polícia, que já tentara em vão dispersá-los, atacou brutalmente na Estefânia, agridindo e fazendo algumas prisões, entre os protestos da população, mas sem poder evitar que os jovens prosseguissem em grupos. Ao chegar ao Campo de Santana, novo ataque das brigadas de choque que agridiram os jovens.

Como o colega continuasse preso, de novo no dia 4 de Junho se reuniu um plenário. A polícia instalou-se na Cidade Universitária disposta

a impedir a manifestação pela força, mas os jovens concentraram-se no pátio da Faculdade de Medicina (Hospital de Santa Maria) e iniciaram a assembleia desdobrando um grande cartaz onde se lia: «Libert' m' Eirio». As intimidações para dispersar os jovens responderam com apupos à polícia.

As brigadas de choque atacaram então com a brutalidade habitual, batendo às cegas. Dois professores que procuravam deixar o assalto, foram agrididos e um deles, prof. Lindley Cintra, ficou inanimado no solo. Esta intervenção criminosa da polícia provocou um grande movimento de protesto em

AS MANIFESTAÇÕES DE 1 E 8 DE MAIO

De vários pontos do país contidunam a chegar-nos notícias que tornam mais claro o que foram estas grandes jornadas nacionais de luta contra o fascismo.

O 1º de Maio em Ervidel. — O povo acolheu com satisfação os manifestos que foram distribuídos e no 1º de Maio, com a vila fortemente patrulhada pela GNR de Beja e Ferreira, nenhum operário foi trabalhar, desfilando o povo durante todo o dia pelo centro da vila. As 8 da tarde começou a manifestação, que se prolongou até perto da meia noite. Os trabalhadores gritavam «Viva a Liberdade! Amistade!» e cantavam o hino nacional. A GNR foi recebida à pedrada e muitos candieiros ficaram estilhaçados.

Desesperados com a manifestação, os fascistas logo nessa madrugada fizeram muitos prisões na vila. Passados dias, foi chamado ao posto da GNR o operário agrícola «Chitão Tractor» que deixara crescer as barbas por ter o filho na guerra de Angola. O praça da GNR António da Luz Gato espancou-o brutalmente e arrancou-lhe os pelos da barba gritando enraivecido: «Queres ser Fidel mas hei-de arrancar-te as barbas todas». O povo de Ervidel comenta indignado os acontecimentos.

Em Alparça e também em Vêlo de Vargo e Beleizão os trabalhadores rurais fizeram greve geral no dia 8 de Maio. Em Alparça muitos operários industriais aderiram a greve.

todo o hospital. Professores, médicos e enfermeiros intervieram para reclamar a saída das forças policiais para fora da cerca do hospital. A polícia foi forçada a retirar sem fazer prisões entre os estudantes como tinha planeado.

Entretanto a greve prossegue em todas as faculdades, ao mesmo tempo que se amplia o movimento de solidariedade dos professores, com a moção assinada por 70 professores, com a enérgica moção dos professores de Agronomia e com a demissão do professor Albert Lodge, assistente da Faculdade de Letras.

Estudantes! Avante pelos vossos reivindicações mais imediatas: libertação dos colegas presos, reabertura das associações e anulação das falias.

Alarguemos e tornemos mais combativas AS LUTAS DA CLASSE OPERÁRIA

Após a conquista dum aumento geral de 14500 diários na Cerús e do aumento geral de 8500 conseguido na CUF do Barreiro, também os operários da Parry & Son obtiveram agora um aumento de 8500.

Na CUF do Barreiro, como resultado do aumento do período de férias, agora um ano de trabalho dá direito a uma semana, três anos a duas semanas, 10 anos a 18 dias e 15 anos a 24 dias. Na Parry também foi conquistado o alargamento do tempo de férias.

Estas importantes vitórias em duas das maiores empresas do país e numa importante empresa de construções navais são bons exemplos para toda a classe operária.

É necessário que a luta por aumento de salários se alargue a toda a classe operária. Muitos metalúrgicos conseguiram elevar os seus salários nas lutas travadas naquelas empresas. Importa que os mais de cem mil metalúrgicos que trabalham no país sigam o exemplo dos da Carris, CUF e Parry.

Continua a luta dos fêxteis

Igualmente na classe têxtil trabalham para cima de 100 mil operários. Os salários são muito reduzidos, a miséria e a exploração são enormes, o sistema das «multas» é um verdadeiro roubo. Por isso em muitas empresas se dão constantemente pequenas lutas.

Assim, na Foncec, em virtude da acção do operariado da sua secção de tintas, foi conquistado um aumento de 2500 mas ninguém ficou satisfeito e a luta pelo aumento continua. Na Celendra da Vitória, como o patrão tentasse obrigá-lo a fazer horas a mais para compensar algumas horas dadas pela Páscoa, os operários exigiram o pagamento dessas horas como extraordinárias. Como o não conseguissem largarem o trabalho logo que chegaram as 17 h. O patrão apareceu logo, para intimidar, mas teve de ceder à unidade e firmeza do operariado.

Na fábrica Reione (Porto), como

os operários não conseguissem o aumento de salários que já vinham reclamando há tempo, paralisaram as máquinas durante duas horas, obrigando os patrões a atendê-los e a dar-lhes o aumento pedido.

Os corticeiros contra a burla do C.C.T.

Em fins de Abril foi assinado um novo contrato para a classe corticeira. Era essa uma aspiração já muito antiga, mas com este novo contrato, mesmo o pouco que ele estabeleceu de interesse para o operariado não é respeitado pelos patrões.

Atendendo a que o contrato estabelecera a jornada das 8 horas e a semana das 44 horas, 100 operários, ao chegarem às 17 horas, abandonaram o trabalho. Foram castigados por isso. Depois 150 operários desta terra foram ao sindicato reclamar a semana das 44 horas. Foi o chefe da polícia que lhes apareceu para os fazer dispersar. Voltaram lá dias depois 200 operários. O delegado do INI disse-lhes que as 44 horas só por lapso tinham sido anunciadas na imprensa e rádio. Os operários protestaram gritando e o delegado fugiu. No dia 21 de Maio, após uma concentração de 350 corticeiros, uma comissão foi recebida pelo presidente da Câmara que sugeriu a fatura, uma exposição. Rápidamente foram recolhidas 3 mil assinaturas e entregue a exposição a reclamar a semana das 44 horas, o respeito pela obrigatoriedade do mínimo de 4 dias de trabalho por semana, como está no contrato, e mais dias de férias.

No Aldeirão & Mira (Alhos Vedros) quase todos os operários se concentraram no dia 23 de Maio junto da gerência a exigir o aumento de salários. Ante promessas do patrão concentraram-se de novo no dia 30. Só no dia 2 de Junho foi recebido o aumento mas há muitos casos em que não foi dado aumento e, em alguns, até sucedeu passarem a receber menos. Nesta empresa, as coladoras de quadros estão a ganhar 950 por dia (1 e não foram aumentadas). Também não foram aumentadas as aprendizas. O encarregado da broca que ganhava 515 passou a receber 3500.

No Madeira (Alhos Vedros) houve aumentos de 4 e 5000. No Cuiado, na mesma terra, ante uma concentração na gerência, os operários conseguiram aumento dos salários. Na Sociedade Industrial de Cortiças (Barreiro) também os trabalhadores conseguiram passar de 25 para

Na construção civil

A larga classe dos que trabalham na construção civil (cerca de 150 mil operários) é particularmente explorada não só com salários de miséria mas também muitas vezes com horas de trabalho a mais que nem sequer são pagas a singular. Ainda há muitos serventes a ganhar 25000 e até menos. É necessário lutar pelos 35300 com os serventes. Com esse objectivo, em alguns lados, o operariado da construção civil está procurando unir-se, quer nas obras que, depois do trabalho, com os que trabalham na mesma região, pois só uma unidade ampla lhes permitirá lançarem-se todos numa importante luta pelas suas reivindicações.

Os corticeiros contra a burla do C.C.T.

Entretanto, na Empresa dos Franceses (Santa Maria-Seixal) os patrões procuraram cortar os salários de alguns operários porque ultrapassavam os «mínimos». Como resposta todos os operários se uniram e fizeram recuar o patrão. Na Sorcoque (Moita) em virtude da luta que travaram os operários conseguiram um aumento de 3500 para os faxinas e 5500 para os metalúrgicos, serradores, fogueteiros, etc.

Tudo isto mostra que o novo contrato é mais um contrato-burla, cozinhado pelos patrões, os governantes e os lacaios que estão nos sindicatos. Para conseguir vencer é necessário lutar organizadamente junto dos patrões e também no sindicato. Os vinte mil corticeiros são uma grande força se lutarem unidos e organizados.

A exploração dos cerâmicos

Também nas vésperas do 1.º de Maio foi assinado um contrato colectivo para os cerâmicos que abrangia 25 mil trabalhadores. Os míseros salários dos cerâmicos só serão aumentados se se unirem e exigirem nas empresas um melhor pagamento, pressionando também os sindicatos no mesmo sentido. Além disso é necessário lutar pela defesa da saúde, em particular contra a terrível sílicose, que afecta tantos e tantos trabalhadores.

Avante, trabalhadores!

Nada se conquista sem luta. Assim têm aprendido muitos dos 60 mil pescadores portugueses, também a importante classe dos trabalhadores (20 mil) que foi mal paga, é a combativa classe dos mineiros (20 mil), que levam uma vida tão dura e insegura, os papeleiros, os vidreiros, e todas as outras classes profissionais só pela luta conseguiram conquistar as suas reivindicações. É preciso pois alargar muito a luta de classe operária. Mas é necessário torná-la também mais combetiva, organizar bem e recorrer às paralizações de trabalho e à greve para conquistar as importantes reivindicações operárias.

LUTEMOS CONTRA A GUERRA!

Cada vez se está tornando mais evidente para as massas portuguesas que o que importa resguardar dos territórios coloniais é a amizade dos seus povos.

Essa amizade só será ganha ou fortalecida na medida em que se compreender a necessidade histórica da libertação dos povos coloniais, na medida em que se apoiar a justa aspiração desses povos à auto-determinação e à independência.

Recentemente chegou ao nosso conhecimento a seguinte mensagem do povo de Goa dirigida ao povo português: «Ela ilustra a amizade que deve existir entre os dois povos.

Mensagem do povo de Goa ao povo português

Neste momento de grande expectativa em que se vê próxima a nossa libertação de 43 anos de escravidão colonial portuguesa e a reunião com a Índia-mãe, não podemos esquecer o povo português que, por sua vez, está a lutar pela liberdade e justiça contra o INHUM GOV. em o fascismo português.

Consideremos a nossa libertação como a mais efectiva contribuição que o povo de Goa pode dar à nossa luta por liberdade e justiça contra o INHUM GOV. Não permitamos que o INHUM GOV. imponha a sua vontade sobre o povo português e que nos imponha a sua vontade sobre o povo português e que nos imponha a sua vontade sobre o povo português.

Sabemos que podemos contar com os verdadeiros democratas portugueses. Eles não esquecerão os direitos dos portugueses no recente seminário promovido para combater o colonialismo português reunido em Delhi e Bombaim, no qual se afirmou o nosso direito à libertação e independência.

gracia na Índia. Por isso, mais uma vez queremos assegurar ao Povo Português que a nossa luta não se dirige contra ele, mas contra o colonialismo e o fascismo português.

Como povo português, queremos também assegurar ao Povo Português que a nossa luta não se dirige contra ele, mas contra o colonialismo e o fascismo português. Não permitamos que o INHUM GOV. imponha a sua vontade sobre o povo português e que nos imponha a sua vontade sobre o povo português.

Belgaum, 14 XII-1961 Conselho Central do Convento Político dos Goasas.

As experiências atómicas americanas

Ao mesmo tempo que continua em Geórgia a construção do primeiro reator nuclear, os Estados Unidos estão a fazer experiências atómicas em Nevada. Estas experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança.

As experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança. Estas experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança.

As experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança. Estas experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança.

Os Estados Unidos estão a fazer experiências atómicas em Nevada. Estas experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança.

As experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança. Estas experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança.

As experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança. Estas experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança.

As experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança. Estas experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança.

As experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança. Estas experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança.

As experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança. Estas experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança.

As experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança. Estas experiências atómicas americanas são realizadas em condições de segurança e de segurança.

Atenção, Povo de Lisboa!

A Carris não vai desistir do aumento de preço dos seus transportes. Ao aproximar-se o final do semestre, pode tentar de novo o aumento.

Se ele não foi ainda realizado foi só porque a luta do valente povo de Lisboa mostrou à Carris e ao governo que isso não seria facilmente aceite.

O Povo de Lisboa tem de preparar-se para dar uma resposta imediata logo que os preços sejam aumentados com o boicote geral dos transportes e exigindo a manutenção dos preços actuais.

Se o Povo de Lisboa estiver organizado e preparado para esta acção, se lutar como mostrou já em 1960, o monopólio inglês da Carris não aumentará os preços.

PRECISAMOS DUMA ORGANIZAÇÃO MAIS FORTE

É preciso organizar amplamente o Partido por todo o lado. Nas lutas dos últimos meses tem-se feito sentir a fraqueza de muitas organizações do Partido. A experiência mostra que só uma organização partidária mais ampla, mais sólida, pode garantir o desenvolvimento de novas lutas de grande envergadura. O Partido Comunista deve estar presente nas fábricas, nas aldeias, nas escolas, nos quartéis, em toda a parte. Em segundo lugar, é preciso assegurar a ligação do Partido com as mais largas massas populares. Só se as células do Partido tiverem capacidade para actuar entre o povo, para o conduzir à luta, se tornará realidade o papel dirigente do Partido. As tarefas de organização são neste momento decisivas para o desenvolvimento da luta. Por isso apelamos mais uma vez: Recrui para o Partido os trabalhadores que se destacam pela sua honradez e combetividade! Formai por toda a parte milhares de Juntas Patrióticas e de comissões de unidade para conduzir as mais variadas lutas!

Aumenta o terror nas cadeias fascistas LIBERTEMOS OS PRESOS POLITICOS!



A conferência europeia pela amnistia em Portugal realiza-se em 3 e 4 de Novembro

Foi definitivamente anunciada para os dias 3-4 de Novembro a realização da Conferência dos Países da Europa Ocidental para a Amnistia aos Presos e Exilados Políticos Portugueses. Num encontro realizado a 17 de Março em Paris, os representantes dos comités nacionais pró-Amnistia da França, Itália, Inglaterra, Suécia, Dinamarca, Bélgica e Holanda tomaram medidas para a preparação da Conferência. O movimento de solidariedade internacional à luta do nosso povo, que tem vindo a crescer incessantemente nos últimos anos, concretiza-se assim numa iniciativa de grande alcance que terá repercussão em todo o mundo.

Apoiemos por todas as formas esta importante Conferência criando comissões de apoio, recolhendo e divulgando elementos sobre a repressão em Portugal, enviando saudações e moções ao Secretariado da Conferência e sobretudo ampliando rapidamente o movimento Pró-Amnistia por todo o país.

Por todo o país têm estado a ser feitas prisões às centenas. Além das prisões que «noticiámos no último número do «Avante», temos conhecimento de terem sido presos 32 trabalhadores em Setúbal; muitos camponeses em Palma, Torrão e Alcácer do Sal; em Lisboa e arredores houve dezenas de prisões nas vésperas do 28 de Maio; também no Barreiro, em Almada, Ervidel e muitas outras localidades a PIDE e a GNR têm feito prisões.

No Forte de Caxias têm entrado nas últimas semanas centenas de presos, avaliando-se o total em perto de mil. As casamatas, segredos, furnas e todos os buracos da cadeia estão atulhados de presos, muitos dormindo sobre palha. Trinta mulheres, algumas gravemente doentes, estão encerradas nesta cadeia.

As brigadas da PIDE instalaram-

-se no Forte e a cada momento se ouve os gritos dos presos espancados e torturados. As mulheres do Couço têm sido espancadas com cassetetes. Constantemente provocados pelos guardas, os presos são castigados sob qualquer pretexto. Já na Páscoa não houve visitas nesta cadeia por os presos se recusarem a receber as famílias no parlatório, dado que lhes foram recusadas as tradicionais visitas em comum.

Nas «gavetas» do Aljube estão, entre muitos outros, os camaradas José Magro e José Bernardino, presos em fins de Maio, incomunicáveis. José Bernardino esteve 8 dias na tortura do sono e foi agredido.

Na Fortaleza de Peniche, 80 guardas dos serviços prisionais e da GNR armados de metralhadoras guardam 80 presos, mantidos num dos regimes celulares mais severos do mundo. Aí se encontram há muitos anos Manuel Rodrigues da Silva, Manuel Guedes, José Vitoriano, Adolfo Ramos, o Dr. Humberto Lopes, Luís Nogueira, António Lima, Salvador do Pomar e outros patriotas.

Na cadeia do Porto, também cheia de presos, a PIDE está sujeitando a espancamentos e torturas os camaradas Augusto Lindolfo e João Honrado, presos em Abril. Nove presos foram castigados com corte de visitas e de correspondência por terem protestado contra a acumulação de presos em pequenas salas sem arejamento.

Portugueses e portuguesas! Para que a luta contra o fascismo se desenvolva em todas as frentes é essencial que também a luta contra a repressão e pela Amnistia se torne muito mais ampla e energética. Formai por toda a parte comissões pela Amnistia! Que em cada localidade, em cada fábrica, em cada escola, todos lutem pela libertação dos seus presos!

A visita aos presos

Em Peniche. O Parlatório é uma estreita sala cortada ao meio por um balcão de cimento, tendo em cima uma chapa de vidro e uma rede de arame. Dum lado os presos, do outro, as famílias. Altrás dos presos e das famílias dois guardas vigiam atentamente.

Como a conversa se aníma entre os presos e os seus, um guarda interveém com modo grosseiro: «Mais de vagar! Assim não oiço o que dizem!» Uns momentos de silêncio confrangido e as conversas recomeçam, agora em tom mais baixo. Mas é então a vez do outro guarda intervir: «A senhora fala tão baixo que não percebo o que diz. Explique-se melhor». Enervados, um dos presos e sua mãe acabam por se calar; mas nem assim escapam: «Então o senhor não fala?» — «Mas falar o quê, se não tenho nada para dizer?», responde o preso. «Tem que falar, senão corto-lhe a visita; essas conversas com os olhos não me agradam.»

Com razão os presos e as famílias chamam às visitas «a meia hora de suplício.»

A PIDE ESPANCA E TORTURA

A aplicação da tortura do sono e os espancamentos têm-se intensificado nos últimos meses, atingindo homens e mulheres sem distinção. Citamos hoje mais dois exemplos da acção criminosa da PIDE.

Depois de ter estado em Janeiro 11 dias e noites seguidos na tortura do sono, Octávio Paio foi de novo levado para a PIDE no dia 19 de Março, af ficando durante uma semana em nova sessão de tortura. Como se negasse à «estátua» sentando-se no chão, foi ameaçado de morte e espancado com bofetadas, socos e pontapés na cabeça e no corpo pelo inspector Rosa Casaca

e por vários agentes que o deixaram com diversas regiões do corpo negras, inchadas e a sangrar, só na primeira noite foi espancado por por três vezes.

Vendo que estas brutalidades não conseguiam quebrar a firmeza de Octávio Pato, os criminosos da PIDE montaram então uma farsa revoltante, fazendo-o ouvir gritos e choros de mulher juntamente com o som de pancadas, para o convencer de que a companheira, Albina Fernandes, estava a ser torturada.

Um tratamento semelhante foi dado a Júlio Martins que, além de ser submetido durante um total de 14 dias à tortura do sono e de ser brutalmente espancado a murro e pontapé, foi por duas vezes submetido ao suplício de ouvir num gabinete ao lado gritos e choros de mulher, acompanhados dos berros dos agentes e do som de pancadas. A crueldade dos criminosos da PIDE chegou ao ponto de apresentarem a Júlio Martins instrumentos de tortura e panos ensanguentados para melhor o convencerem das torturas que estariam aplicando a sua companheira, ameaçando-o ao mesmo tempo com as piores torturas e com a morte.

É preciso defender todos os dias os presos políticos porque a PIDE ameaça ir cada vez mais longe nas torturas. É preciso impedir que sejam cometidos mais crimes.

QUE CESSEM AS TORTURAS E ESPANCAMENTOS!

TRÊS VIDAS EM RISCO

LUÍSA PAULA — Têm-se agravado os padecimentos desta valorosa mulher que durante 18 anos lutou na clandestinidade contra o fascismo e que desde 1958 se encontra presa. Com 64 anos de idade, Luísa Paula tem a saúde muito abalada: sofrendo há muito de artrismo e de uma úlcera, tem-se queixado ultimamente de retenção de urinas e tem por vezes urina de sangue, está inchada e com os lábios roxos e teve um ameaço de congestão cerebral. Apesar disso, a PIDE recusa-lhe tratamento e mantém-na numa cela húmida de Caxias.

Luísa Paula foi condenada a dois anos de prisão mas já está presa há 3 anos e meio.

CÂNDIDA VENTURA — Apesar do seu médico assistente já há meses ter recomendado o seu internamento, por sofrer de doença nervosa, continua numa cela de Caxias, sem tratamento capaz. Por isso, tem piorado constantemente: não dorme, não tem apetite, emagrece sem cessar, sofre de lipotomia e alucinações. A família requereu que fosse autorizado um exame por uma junta médica, mas a PIDE nem resposta deu a este pedido.

Cândida Ventura, que faz parte do Comité Central do P.C.P., foi condenada a 5 anos de pena maior e medidas de segurança, o que significa na prática que está condenada a prisão perpétua.

AFONSO GREGÓRIO — Após 13 anos da dura vida na clandestinidade, caiu em 1959 nas mãos da PIDE que o torturou e maltratou. Nos últimos meses tem vindo a manifestar sintomas alarmantes de perturbações mentais, mas a PIDE nega-lhe qualquer assistência médica e conserva-o num ambiente de tensão e provocações constantes. Condenado a 9 anos de prisão maior e medidas de segurança como membro do Comité Central do P.C.P., Afonso Gregório está sujeito a perder as suas faculdades mentais no inferno das cadeias salazaristas!

Reclamemos a imediata hospitalização destes três patriotas! Para defender a vida e a saúde de cada anti-fascista preso, formai comissões e grupos de amigos que se encarreguem de agitar o seu caso, fazer as diligências necessárias, ajudar a sua família, recolher assinaturas de apoio, etc. Elevemos a solidariedade e o apoio a cada patriota preso!

Condenados

a prisão perpétua

Entre as dezenas de presos políticos que depois de cumprirem a pena a que foram condenados, continuam presos sob as medidas de segurança, alguns há vários anos, citamos:

Manuel Rodrigues da Silva, Manuel Guedes, Aida Magro, Ivone Dias Lourenço, Maria da Riedade Gomes dos Santos, dr. Humberto Lopes, António Alves Pedra, etc.

Lutemos pela sua imediata libertação!

